DADOS DE ÁFRICA (S)

ISSN: 2675-7699

Vol. 05| Nº. 10 | Ano 2024

EDITORIAL – COLONIALISMO, CONTRADIÇÕES E POSSIBILIDADES

Márcio dos S. Rodrigues

Este número da revista *Dados de África(s)* apresenta discussões importantes sobre colonialismo, educação, política e economia em Angola e outros contextos do continente africano. Aqui se reúne um conjunto de artigos que, criticamente, evidenciam as formas como o legado colonial continua a moldar, em diferentes níveis, as dinâmicas contemporâneas, sejam nas políticas públicas, na estrutura educacional, nos modelos econômicos ou nas hierarquias sociais. Os textos desta edição exploram desde os desafios da construção de epistemologias próprias até tensões em torno das possibilidades de emancipação e desenvolvimento em África(s) nos seus contextos diversos.

O primeiro artigo, "**O Contributo das políticas de Sá da Bandeira no processo de abolição da escravatura na Colônia de Angola**", de Wilson Jone Augusto Mendonça, examina o papel das reformas implementadas por Sá da Bandeira, uma das figuras centrais nas tentativas de abolição da escravidão no império português durante o século XIX. A análise evidencia que, apesar de suas intenções abolicionistas, as reformas do marquês de Sá da Bandeira foram permeadas por ambiguidades e contradições. Portanto, até que ponto tais políticas visavam à emancipação plena dos escravos ou se funcionavam, na prática, como mecanismos de transição para assegurar a continuidade da exploração colonial? Buscando responder esta pergunta, o estudo ressalta que as políticas em torno da abolição, embora formalmente voltadas para a sua erradicação total na colônia de Angola, se alinhavam aos interesses da administração colonial, al-

Site/Contato

Editores

Ivaldo Marciano de França Lima
ivaldomarciano@gmail.com

Márcio dos Santos Rodrigues
marcio.strodrigues@gmail.com

ternativas para manter a exploração da força de trabalho.

Em seguida, António Pedro Eduardo, em seu artigo "**A Formação Moral e Cívica no Ensino Fundamental de Angola: Uma reflexão sobre a influência da Filosofia da Educação**", discute sobre a permanência de um modelo educacional que, apesar das reformas pós-independência, manteve um referencial alheio às tradições e experiências locais. O autor critica a estrutura da disciplina de Educação Moral e Cívica (EMC) que, em vez de estimular uma reflexão crítica ancorada nas realidades angolanas, reforçou valores e categorias distantes do contexto social do país. A partir da análise do material didático, Eduardo não apenas descreve a presença desses referenciais, mas desmonta suas camadas.

Justino Jorge José e Makosa Tomás David, por sua vez, abordam a colonialidade da linguagem ao analisar o *Dicionário de Angolês*, de Roberto Leal, no artigo "**Uma Análise Crítica do Dicionário de Angolês de Roberto Leal: Colonialidade Linguística e a Inferiorização do Angolês e das Línguas Angolanas**". Os autores expõem, com bastante preocupação conceitual, como o dicionário buscou corroborar a categorização de termos do "angolês" como calão, dentro de um processo contínuo de inferiorização tanto linguística quanto epistemológica. Os autores vão além da crítica à obra de Leal, descontruindo os mecanismos através dos quais a colonialidade se manifesta na linguagem.

Wilson Miguel Turé, em seu artigo **"Epistemologias Guineenses e Resistência Cultural na obra de Odete Costa Semedo"**, analisa as concepções de conhecimento a partir da produção literária da escritora guineense. O autor enfatiza saberes que divergem da perspectiva acadêmica, dita ocidental, evidenciando como a literatura do país se configura como um meio de afirmação e contestação cultural. Para tanto, o artigo examina as estratégias narrativas e temáticas da autora, destacando como sua obra dialoga com memórias coletivas e questiona hierarquias epistemológicas.

A seguir, Edna Diogo Cristovão, em "**A Inserção da Paradiplomacia em Angola como Instrumento de Desenvolvimento Local**", examina a paradiplomacia como uma alternativa estratégica diante das limitações do Estado central, argumentando que a internacionalização de municípios e províncias pode facilitar investimentos, promover parcerias técnicas e ampliar o alcance de políticas públicas. O artigo discute até que ponto a centralização política do Estado angolano impede ou limita a atuação autônoma dos governos subnacionais no cenário internacional, analisando as barreiras institucionais que restringem sua capacidade de firmar acordos e acessar redes globais de cooperação.

Em artigo em diálogo com o campo econômico, Edson Sebastião Golungo e Gracieth Mateus Leandro investigam os impactos da pandemia de Covid-19 na dinâmica de consumo das fa-

mílias angolanas, identificando mudanças nos padrões de consumo e os desafios impostos pelo cenário de crise econômica. "**Comportamento do Consumidor na Pandemia: Famílias com Filhos Menores de 7 Anos no Bairro Cassequel do Lourenço (2020-2022)**" analisa as mudanças nos hábitos de compra, a priorização de bens essenciais e a ampliação do consumo digital, evidenciando como a insegurança financeira e as restrições sanitárias remodelaram as escolhas e prioridades das famílias. Golungo e Leandro argumentam que essas transformações não foram apenas conjunturais, mas produziram efeitos duradouros na percepção do consumidor sobre o valor da segurança econômica e da previsibilidade nas compras.

Já o estudo dos pesquisadores Geovanda Alves Martins, Alexandre António Timbane e Maria José Alves, intitulado "**Estudo do Léxico do Vocabulário Feminino em Produtos de Beleza no Brasil: Um Estudo Sociolinguístico**", insere-se no debate sobre a linguagem e o consumo. Sua relevância para este volume reside na forma como a pesquisa se articula com processos de globalização, circulação de discursos estéticos e influência da indústria cosmética sobre os mercados mais amplos. A análise linguística do vocabulário dos produtos de beleza, bastante pertinente, diga-se de passagem, revela como estrangeirismos e neologismos traduzem tendências de consumo, como também reforçam ideais estéticos e padrões, historicamente impostos por processos coloniais e de dominação cultural. Esse fenômeno não se restringe ao Brasil, mas se estende a diversos contextos ditos africanos, onde os produtos cosméticos, suas denominações e suas narrativas de *marketing* reforçam concepções ditas eurocentradas de beleza.

Os textos reunidos nesta edição, como o leitor poderá constatar, revelam que diferentes formas de colonialismo atravessam o presente em múltiplas esferas da vida social em contextos do continente africano. Mais do que meros diagnósticos, as análises reunidas aqui também expõem um paradoxo incontornável: celebra-se a independência, mas reproduzem-se as estruturas de exclusão; exalta-se a diversidade linguística, mas as línguas do continente – sobretudo, as de Angola – seguem marginalizadas; reivindica-se uma economia soberana, mas as dinâmicas de mercado continuam subordinadas a lógicas externas, ainda mais limitadas em razão de um contexto pandêmico.

Reformam-se instituições, mas mantêm-se intactos os princípios que as sustentam. Rompe-se com o colonialismo no discurso, enquanto ele persiste na prática – infiltrado na educação, na política, na cultura, na própria forma de pensar. O que este volume evidencia não é apenas a permanência do colonialismo sob novas roupagens, mas a contradição profunda entre os dispositivos que seguem operando para limitar sua efetivação. A pergunta que resta não é apenas como homens e mulheres de África(s) podem desmontar essas contradições, mas como conseguirão

transformar essas contradições em possibilidades de reconstrução e afirmação de suas próprias trajetórias históricas.

Que este volume de *Dados de África(s)* sirva não somente como um espaço para a análise crítica das permanências coloniais, mas também motive a construção de novas realidades.

Boa leitura!

Márcio dos Santos Rodrigues